A PONTE É IMPORTANTE QUANDO SE FAZ A TRAVESSIA¹

Por: Cláudio Márcio Rebouças da Silva²

Quero ressaltar a alegria e a honra em participar da assessoria na Campanha da Fraternidade Ecumênica (CFE-2021), assim sendo, abalizo minha gratidão a Sônia Mota (IPU) e a Romi Bencke (IECLB) pelo convite. Bem, um prazer (cheio de medo) em participar ao lado da amiga e pastora Odja Barros (uma grande referência para nós). Desta maneira, trarei questões a serem pensadas a partir do chão que piso e, naquilo que for possível, peço que vocês tentem fazer as conexões viáveis para sua realidade.

O velho Raul em uma de suas canções disse que temos “dois pés pra cruzar a ponte” como uma metáfora cheia de beleza e um convite para encararmos as muitas travessias da vida. Se com o apóstolo Paulo, fé, esperança e amor são virtudes teológicas desafiadoras que não abrimos mão, com Dom Paulo Evaristo Arns aprendemos que não podemos separar a fé da coragem e, com Richard Shaull, a fé do compromisso.

O lugar de minha fala é a partir deste chão, pois, assim como a ponte Dom Pedro II liga a cidade de São Félix a Cachoeira aqui no Recôncavo baiano e, em meio a tantos (des)encontros de corpos, credos, saberes e sabores dimensões de fé-festa são experimentadas a partir de disputas, tensões, complementariedades e, não menos, cumplicidades, tento fazer conexões teopoéticas com o desejo de derrubar barreiras e aproximar diversidades da ciranda da vida, uma vez que, Cristo é a nossa paz.

É possível que através da canção *Reconvexo* do Caetano Veloso interpretado por ele ou sua irmã Maria Bethânia, você rememore uma experiência vivida ou, talvez, desperte o desejo de conhecer esse chão cheio de efervescência cultural. Baianidades e teologias são produções humanas com interesses múltiplos. ***Lembremos que toda tradição é inventada e, um caminho interessante neste processo é o questionamento: a quem interessa essa tradição e não outra?***

Desta forma, como cristão ecumênico reformado penso: como a bíblia pode dialogar com o pandeiro e o berimbau? Quais as razões de liturgias sem corpos diante de expressões culturais populares? O forró não exalta a Deus? O reggae não louva ao Senhor? O samba de roda não reafirma sociabilidades e a força da ciranda da vida? As religiões de matriz africana não nos ensinam sobre a resistência da mulher negra, do valor da ancestralidade, e do cuidado com a casa comum? Tradições religiosas indígenas não apontam que o humano é parte da Pachamama e não coroa da criação?

O lugar de minha fala também é marcado por aspectos identitários cheios de privilégios em solo brasileiro, isto é, homem-branco-hetero. De fato, mesmo diariamente desejando viver em (re)criação aberto a alteridade e a empatia não sentirei na pele alguns estigmas. Saber de onde produzimos teologia e quem somos é demasiadamente importante nesta arena de disputas, assim, sou latino americano, nordestino, baiano que acredita na força da palavra encarnada e, por isso mesmo, disposto a assumir o mutirão

¹ Assessoria da CFE em 30-09-2020. “*Fraternidade e Diálogo: compromisso de amor*” e o lema “*Cristo é a nossa paz: do que era dividido, fez uma unidade*” (Ef. 2.14).

² Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia (UFRB). Especialista em História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano (IF Baiano). Bacharel em Ciências Sociais pela UFRB e Bacharel em Teologia pela Faculdade Batista Brasileira (FBB). Graduando na Licenciatura em Ciências Sociais pela UFRB. Integrante do Grupo de Pesquisa Corpo, Socialização e Expressões Culturais (ECCOS/UFRB). Reverendo da Igreja Presbiteriana Unida em Muritiba-Ba. Email: revcacau@hotmail.com

do Reino de Deus como ensinou o saudoso João Dias de Araújo: “não só a alma do mal salvar – também o corpo ressuscitar”.

Desta maneira, temos vivenciado dias difíceis de muito fundamentalismo onde o nome de Deus e a bíblia têm sido instrumentalizados por políticos-religioso nas “bancadas do boi, da bala e da bíblia”. “Ai de vocês, mestres da lei e fariseus, hipócritas! Vocês são como sepulcros caiados: bonitos por fora, mas por dentro estão cheios de ossos e de todo tipo de imundície. Assim são vocês: por fora parecem justos ao povo, mas por dentro estão cheios de hipocrisia e maldade” (Mt 23:27-28).

Na realidade, minha indagação é sobre a espiritualidade cristã exercida por alguns fiéis que leem a bíblia muitas horas por dia e oram com “relógio na mão” como se existisse um cronômetro celestial fiscalizado por anjos que fazem relatórios no seu cotidiano. Confesso com muita tristeza que esse modelo de espiritualidade é vazio e fétido, ou seja, é alienante e, por vezes, perverso e desumanizador.

As máscaras estão caindo! Hipócritas! Possuem um projeto de poder político bélico e diz que essa é a vontade de Deus? Fazem esquemas de propina e articulações com milícias e diz que é a vontade de Deus? Mandam matar, se prostituem, desviam milhões dos cofres públicos, fazem lavagem de dinheiro e diz ser a vontade de Deus? Reforçam desigualdades sociais em tom de meritocracia e diz que essa é a vontade de Deus? Defendem o genocídio da juventude negra e o racismo estrutural e diz que essa é a vontade de Deus? Violentam mulheres e matam homossexuais e diz que essa é a vontade de Deus?

Confesso, cansei desses missionários do ódio e coveiros da esperança. São mercenários da fé e ilusionistas da moralidade. Até quando ficarão impunes? Os lábios dessas lideranças pronunciam o nome de Deus e suas práticas revelam *mamon*. Falam de amor, mas semeiam discórdia.

Ora, o que mais me assusta é que após as máscaras caírem no chão e esses homens e mulheres mostrarem seus rostos reais, imaginava que muitos iludidos iriam acordar e mudar de perspectiva, entretanto, estava completamente enganado. Hoje suspeito que a admiração quase que “tiete idolátrica” não é por dimensão de alteridade ou empatia, ou seja, é espelho mesmo.

De fato, temos ainda um grande desafio como movimento ecumênico brasileiro. ***Sabemos que narrativas e símbolos estão sendo disputados, porém, quais caminhos precisaremos percorrer, avaliar e melhorar?*** Como viver o ecumenismo com setores mais fundamentalistas? Qual a razão de em processos políticos os muitos cristianismos brasileiros encontrarem um suposto consenso para caminhada e em questões de justiça social tal aproximação torna-se impossível?

Rememorar para avançar! Rememorar para subverter. Convido você a pensar em uma vida que já não se encontra entre nós e foi um(a) grande defensor(a) do projeto ecumênico e da espiritualidade da diaconia libertadora. Muita falta essas pessoas fazem, porém, precisamos seguir. Temos testemunhos belos de homens e mulheres que ao se aproximarem de Jesus (o camarada de Nazaré) assumiram como faces da mesma moeda Pai-Nosso e o Pão-Nosso. De fato, é necessário lembrarmos das palavras de Carlos Mesters ao nos ensinar que “*antes da bíblia a vida*”. Lembremos ainda que como sugere Leonardo Boff ao abalarizar que “*a vida é mais sagrada que qualquer objeto sagrado*”. ***É sempre necessário questionar: a vida de quem é sagrada?***

Ao observarmos a narrativa bíblica à comunidade de Éfeso percebemos que uma travessia precisava ser feita, ou seja, era urgente superar caminhos de divisões e construir sociabilidades que garantam unidade na diversidade, uma vez que, ***o eixo fundamental da carta é a ênfase na unidade***. Ora, numa comunidade formada por judeus-cristãos e

por gentios-cristãos o conflito era constante. ***Quais as possibilidades e os limites de uma vida em comunidade?***

Cabe ressaltar que encontramos na carta pistas para uma sociabilidade com maior diálogo e aberta para superação das barreiras, desta maneira, é a partir da fé em Jesus de Nazaré que a reconciliação, a liberdade e a graça vão se estabelecendo. Aprendemos que o conflito pode ser resolvido quando barreiras são derrubadas através da solidariedade e do poder da afetividade.

A prática da oração (por exemplo) sinaliza um encontro com o Tu (Divino) e o tu (humano). A oração oferece autoconhecimento em súplica-gratidão. ***Orar também é partilhar as lutas e as dores do nosso próximo.*** É cuidar encorajando para emancipação. É compreender que o poder de Deus gera vida e destrói o poder do esquadrão da morte. Com efeito, percebe-se na carta a abertura para o novo, ou seja, a circuncisão passa a ser vista como um falso valor, pois, para além de um ritual externo, a comunidade agora pode ser modificada na interioridade através de uma experiência com Deus.

Com efeito, ***o preconceito é um grande muro***, logo, a partir do momento que os judeus reconhecem “seus privilégios” e percebem que Jesus de Nazaré oferece um novo “óculos”, tudo que era nublado é deixado para trás. O Cristo faz nova todas as coisas, vem e vê. Com a percepção mais nítida era possível sorrir, cantar, comer juntos e dançar na ciranda da vida. Quando a luz brilhou iluminou toda escuridão, então, torna-se possível rir ao ouvir o coral dos pássaros matinais e ao ver borboletas que bailam no ar e anunciam uma revolução de beleza.

Quando perdemos a capacidade de perceber crianças empinando pipas com os pés no chão e os olhos no céu? Em que gasta as suas forças? Que tipo de riqueza procuras? Qual razão em fazer o que se faz? Já pensou em (re)criar-se? ***Quando o muro da divisão é derrubado é possível dizer que na mesa da comunhão a inveja não será a sobremesa.*** No copo cheio de felicidade podemos nos embriagar de lucidez, pois, na hora da partilha é necessário que se promova equidade e, a despeito de todo caos que temos vivido compreender que a voz que clama no deserto encontrará um manancial na sua interioridade.

Sempre escutei falar de pastores da IPU em Feira de Santana-BA que pegaram uma marreta e foram para um cemitério onde um muro dividia cristãos católicos de protestantes, assim, eles com ousadia quebraram aquele muro. Me pergunto: ***onde estão esses líderes religiosos hoje com subversão libertadora?*** Sei que existem! Muitos deles e delas habitam o mundo ecumênico brasileiro. Quais muros precisam ser derrubados hoje? Até quando o medo travará seus pés? Do que vale uma ponte se não faz a travessia? Se há uma marreta em sua mão deixará prevalecer o muro da divisão?

De fato, é necessário problematizar: ***como dialogar com quem não está disposto?*** Há ruídos em nossas comunicações? Como ser escutado para além da nossa “bolha”? Como formar e fortalecer novas lideranças ecumênicas? Como acessar espaços de poder no rádio, na TV e nas plataformas digitais com o intuito de disputar narrativas e mostrar uma exegese bíblica emancipadora? O que fazer quando se descobre que por trás do muro há outros muros? Suspeito que Ronilso Pacheco tem razão ao dizer que “a gente tá tentando dialogar com quem Jesus perdeu a paciência e expulsou do templo à base do chicote”.

Creio na rebeldia da ressurreição - sou missionário da esperança. Creio na espiritualidade diaconal – compreendo que o pão é nosso. Creio na caminhada ecumênica – devemos ser um em diversidade. Creio na afetividade reconciliadora – o perdão é um milagre que não depende de Deus.

Meus irmãos e minhas irmãs, se a ponte é importante quando se faz a travessia, devemos ter coragem de dar o próximo passo e, sem ilusão, saber que muitas vezes atrás

do muro existem outros muros, mas, em nossas mãos há muitas marretas e tantas outras ferramentas para construção de outras pontes. Lembremo-nos que essa travessia é feita em celebração da vida na ciranda da Ruah. Assim sendo:

Venha, impetuoso Vento³
Brisa benfazeja
Seja...
Mão a espalhar sementes nos quintais
E o aroma das maçãs...

Venha, Sopro...
Vendaval!
Derrubar as cercas, muros,
Casa Grande, Impérios, Torres de Babel,
Seus cacos pelo chão...

Afago que acende o Fogo da paixão
Impulso que confronta toda escravidão
Consola os aflitos,
Levanta os proscritos,
Leva compaixão

Do vale de ossos secos faz um povo são
Com amor e liberdade transforma a nação
Paira sobre as águas
Renova a terra, céus, imensidão...

Venha, ar que eu respiro...
Fôlego de vida, inspira...
Refrigera a alma,
aquece o coração,
clareia o olhar...

Venha, manso Ciciar...
Oh Ruah divina, nina...
Encoraja para um novo despertar
E a Criação vem libertar!

³ Ruah (Augusto Amorim Jr. - IPU de Itapagipe-BA)